

# ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Lázaro Moreira de Magalhães<sup>1</sup>  
Cristiane Oliveira Carvalho Maracaípe<sup>2</sup>

## RESUMO

Esse trabalho é resultante de experiências adquiridas durante o Estágio Supervisionado em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ocorrido no 8º período do curso de pedagogia do Campus Anápolis de Ciências Sócio Econômicas e Humanas. O Estágio tem a pesquisa como princípio educativo, por isto, desde o início do curso, o estagiário é orientado a observar, registrar e analisar a realidade da escola campo com o objetivo de posterior intervenção. Após o diagnóstico são orientados a elaborar projetos de intervenção com a característica de um componente de investigação. O trabalho realizado no estágio é apresentado sob a forma de seminário também com publicação de Anais que se encontra já em sua décima edição. Nesse sentido o estágio tem como princípios; a pesquisa como processo de investigação e reflexão constante da prática, a relação teoria e prática e o trabalho interdisciplinar. Durante o momento da observação percebeu-se que as altas taxas de analfabetismo, o pouco hábito de leitura da população e a não proficiência em leitura por parte das crianças ao final do Ciclo de Alfabetização (3º ano), são alguns fatores que retratam o baixo desempenho que o país apresenta na habilidade de leitura e compreensão de textos. Levando-se em consideração que passamos grande parte de nossas vidas na escola, e que boa parte das crianças têm acesso ao livro somente nela, torna-se um desafio para que a escola desenvolva em seus alunos a prática da leitura desde os primeiros anos da vida escolar, desperte o gosto pela leitura, torne o ato de ler prazeroso, divertido e interessante. Desta forma, a escola torna-se um espaço privilegiado para a formação uma sociedade de leitores. Leitores esses que sejam críticos, capazes de se posicionar diante de fatos e usar essa habilidade para se posicionar no mundo e adquirir uma compreensão que os leve-os a um maior esclarecimento do mundo que o rodeia. Assim, o desenvolvimento de projetos na área da leitura é de grande valor; nesta perspectiva, foi desenvolvido o presente projeto com o objetivo de estimular a leitura por meio de histórias em quadrinhos, utilizando-se das estratégias de leitura abordadas por Isabel Solé.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estratégias de Leitura. Histórias em Quadrinhos. Estágio Supervisionado.

---

<sup>1</sup>Professor da graduação do curso de Pedagogia do Campus Anápolis de Ciências sócio Econômicas e Humanas – UEG. E-mail: [lazaromagalhaes@ueg.br](mailto:lazaromagalhaes@ueg.br)

<sup>2</sup>Professora Pedagoga das séries iniciais do Ensino Fundamental, Email: E-mail: [mailto:crisped10@gmail.com](mailto:mailto:crisped10@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultante de experiências adquiridas no processo de formação do Pedagogo, apto a atuar nas séries iniciais do ensino fundamental e, como resultado da dinâmica adotada no estágio do curso.

A observação da capacidade leitora dos 3º ano no diagnóstico realizado sobre o desempenho de leitura dessas crianças alcançado na Prova ABC (Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização) realizada em 2012, evidenciam que 44,5% dos alunos apresentam proficiência adequada em leitura. Essa prova avalia a qualidade da alfabetização das crianças ao final do 3º ano, no quesito leitura “identificar temas de uma narrativa, localizar informações explícitas, identificar características de personagens em textos como lendas, contos, fábulas e histórias em quadrinhos e perceber relações de causa e efeito contidas nestas narrativas”. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2012). Em Goiás, os resultados da prova mostraram que apenas 37,8% dos alunos da escola pública, conseguiram atingir o nível de proficiência em leitura.

No Brasil, segundo dados do IBGE em 2010, 50,5% população com mais de 15 anos não encontra-se alfabetizada. Historicamente, no Brasil, houve um processo de negação ao direito de escolarização para a sua população. A partir de 1950, no Brasil, vem reduzindo de dez em dez anos em média 6,8% o número de pessoas não alfabetizadas, isto se deve às campanhas e projetos de educação de jovens e adultos que foram implementadas ao longo desses 60 anos (1950 a 2010).

A política de alfabetização não veio acompanhada de uma política de ‘leiturização’ da população, pois segundo os dados apresentados na última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011), realizada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Ibope, verifica-se que cerca de 50% da população brasileira são de leitores, e que a média de livros lidos fica em torno de 4 livros por habitante/ano, ou seja, as práticas de leitura da nossa população ainda é muito baixa tendo em vista a característica da sociedade em que vivemos e o avanço das tecnologias da comunicação e da informação que exigem leitura rápida e compreensiva.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a leitura é um ato de compreensão da mensagem global para conseguir um propósito determinado e preconizam que, para formar um leitor competente que saiba os vários sentidos que podem ser atribuídos a um texto, que está ou não escrito, é fundamental que professores

e alunos utilizem-se de algumas estratégias de leitura e explore a diversidade de textos que circulam socialmente em nosso cotidiano, inclusive as histórias em quadrinhos.

A não proficiência em leitura por parte das crianças ao final do Ciclo de Alfabetização, observado durante o estágio, também foi a apontada pela equipe gestora da escola campo. Esses dados motivaram a elaboração de um Projeto de Intervenção com o objetivo de estimular as crianças à prática da leitura, a partir das histórias em quadrinhos, utilizando-se de estratégias de leitura abordadas por Isabel Solé (1998).

Nos PCNs, as Histórias em Quadrinhos (HQs), são apresentadas como uma ferramenta de alfabetização, devido possuir um caráter lúdico e atrativo e despertam interesse das crianças. Na visão da professora Maria Ângela Barbato (apud CARVALHO, 2012), as histórias em quadrinhos são instrumentos valiosos e aliados do professor na mediação da aquisição da leitura e da escrita, porque as crianças naturalmente gostam desse tipo de linguagem. "Existem crianças, inclusive, que desenvolvem a leitura com os gibis", diz ela.

A fácil acessibilidade, o baixo custo, a possibilidade de abordar conteúdos escolares de diversas disciplinas se configuram como fatores favoráveis à adoção desse instrumento no processo de desenvolvimento da leitura.

No processo de Alfabetização os pais devem ser os primeiros modelos; parceiros e incentivadores da leitura. Embora haja uma diferenciação de papéis entre as instituições 'escola' e 'família' ambas possuem o objetivo comum em preparar as crianças para enfrentar o mundo e a vida em sociedade. Para Parolin, estas duas instituições exercem ações complementares, pois;

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem as suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (PAROLIN, 2005, p. 99)

Assim, a relação entre escola e família amplia os espaços de mediação da aprendizagem, constrói a identidade do aluno leitor ao tornarem-se referência de modelos de leitores contribuindo para o desenvolvimento leitor e integral da criança. Álkúeres corrobora com essa idéia de aproximação e o envolvimento da família como parceira da escola no desenvolvimento de seu projeto educativo.

O gosto pela leitura é um hábito que se consolida a partir da prática cotidiana, devendo, portanto, ser estimulado desde a infância, até torna-se uma

necessidade. Muitos afirmam que os pais são os principais responsáveis pelo incentivo à leitura e que um bom leitor se faz, fundamentalmente, em casa. (ÁLQUÉRES, Hubert, p.15, 2008)

Por meio da realidade vivenciada no estágio, observa-se, analisa interfere, reflete, avalia sobre o desempenho dos alunos, o contexto social em que se encontra a escola, sobre a ação pedagógica e a identidade do profissional. As estratégias propostas por Isabel Solé (1998), tendo como recursos as histórias em quadrinhos, estimular a prática da leitura e promover melhoria na aprendizagem com o objetivo de formar leitores autônomos, críticos e competentes, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão sobre a prática docente desenvolvida.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

As orientações, contidas no livro “Estratégias de Leitura”, de Isabel Solé (1998), contribuem para a mediação da aprendizagem da leitura e apresenta-se como instrumento que possibilita, após uma revisitação e apropriação de sua obra, orientar a ação no sentido de estabelecer a relação teoria e prática.

O planejamento articulador, elaborado em forma de um projeto de intervenção, Hernandez(1998), aborda a dimensão da pesquisa como momento da reflexão da prática e sobre a prática e, ainda, possibilita uma aprendizagem reflexiva colaborativa; quando todos refletem sobre as aprendizagens realizadas durante o projeto. Nesse sentido é indispensável que estagiário, professor regente da sala e alunos estejam comprometidos com o processo, no sentido de verificar se a utilização de tais estratégias possibilitam construir leitores competentes. Em razão da nossa necessidade formativa, onde todos os envolvidos ao mesmo tempo em que atuam reflete sobre a prática buscando soluções a questão suscitada, adotada-se, quase naturalmente, a Pesquisa-Ação, que segundo Thiollent:

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 2008, p.16)

As histórias em quadrinhos foi a tipologia textual escolhida e previamente selecionadas, foram exploradas identificando as linguagens específicas dos quadrinhos por meio das estratégias de leituras indicadas por Isabel Solé (1998). A proposta de

utilizar as Histórias em Quadrinhos para incentivar a leitura ao mesmo tempo em que aborda diferentes conteúdos foram confirmada por Passarelli (2004, p.49),

[...] um dos fatores que me motiva a lidar com HQ's é a possibilidade de com elas realizar um trabalho que considera os conteúdos a serem contemplados em relação aos aprendentes: conteúdos conceituais (referentes a informações, fatos, conceitos, imagens etc.), procedimentais (habilidades, hábitos, aptidões, procedimentos, etc.) e conteúdos atitudinais (disposições, sentimentos, interesses, posturas, atitudes, etc.) como aventa Vasconcellos.

Nas histórias em quadrinhos encontra-se campo fértil para trabalhar com conceitos, procedimentos e atitudes contemplados nos objetivos do professor.

De acordo com as metas propostas pelo Plano Nacional de Educação (PNE 2001), todas as crianças devem ser capazes de ler, escrever, compreender e contar até o 3º ano do Ensino Fundamental. Entretanto, a leitura e a escrita são processos educativos complexos e não podem ser consideradas como processos mecânicos de decodificação e de reprodução de palavras e frases soltas e desconexas de sentido.

Para Vygotsky,

[...] uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da "palavra", seu componente indispensável. [...] do ponto de vista da psicologia, o significado poderia ser visto como uma generalização ou um conceito. E como as generalizações ou os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento. (VYGOTSKY, 1993, P.104)

Assim a leitura e a compreensão do significado das palavras envolvem o pensamento e uma complexidade de conexões, que o leitor faz, com os conhecimentos que já possui ou com os que ainda precisam ser construídos.

O conceito de leitura, de acordo com Solé (1998), é um processo de interação entre o leitor e o texto e as atividades voltadas para o ensino inicial da leitura e deve garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como um meio de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas de sua aprendizagem. Na visão de Silva (1948) a leitura é um processo abrangente e não se reduz ao processo de decodificação do símbolo escrito, ao ler "o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender o mundo", adquirindo capacidade de ler o mundo que o rodeia.

Solé (1998) adota uma perspectiva interativa de leitura, onde o leitor intervém com o texto em sua forma e conteúdo ao mesmo tempo em que busca

compreendê-lo a partir de suas expectativas e conhecimentos prévios, e afirma que para ler é necessário:

[...] manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, idéias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apóia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências. (SOLÉ, 1998, p. 23)

Os conhecimentos que as crianças possuem são o ponto de partida para ampliar suas significações, é preciso que o leitor tenha clareza do que vai ler e o objetivo da leitura, para que haja sentido em sua ação.

Para as linguistas Koch e Vanda (2012) o ato de ler consiste na construção de sentidos baseados em conhecimentos que temos sobre a língua, as coisas do mundo, as situações de comunicação e os textos, considerando sua organização e função.

A leitura e a escrita são procedimentos e devem ser trabalhados como tal em sala de aula. Um aspecto importante que precisa ser garantido é o acesso a diferentes materiais escritos para as crianças: jornais, revistas, gibis, livros, rimas, poemas, HQ, e gêneros diversos.

A leitura não pode ser vista como uma obrigação, ela deverá ser prazerosa, mas para que o aluno goste de ler, precisa compreender o que lê, precisa ser orientado por um leitor mais experiente. Assim, cabe ao professor orientar o aluno nesse processo de leitura, ensinando-o estratégias que propiciem uma compreensão leitora e a utilização do que foi lido para múltiplas finalidades.

Pensando nisto, a proposta de intervenção teve por objetivo desenvolver a prática da leitura por meio de um veículo que desperta o interesse das crianças: os quadrinhos; utilizando-se de estratégias de leitura, abordadas por Isabel Solé, a fim de que elas possam compreender aquilo que lêem. As estratégias de leitura consistem numa “ajuda” proporcionada aos alunos para construírem seus aprendizados.

Segundo Solé (1998) as estratégias de leitura são:

[...] suspeitas inteligentes, sobre o caminho mais adequado que devemos seguir. [...] São procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança. (SOLÉ, 1998, p. 69)

Sendo que, o que as caracterizam são sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções.

Segundo Solé (1998), o ensino das estratégias de leitura deve ocorrer em três etapas: 1) antes do início propriamente dito da atividade de leitura; 2) as que devem ser trabalhadas durante a leitura; 3) as que devem ser trabalhadas depois da leitura.

Quanto à escolha do gênero “quadrinhos” deu-se inicialmente por tratar-se de um recurso que possui um caráter lúdico, com desenhos e cores que costuma atrair as crianças, e muitas vezes já fazem parte do cotidiano de muitas delas.

Além disso, os próprios PCNs (Língua Portuguesa) sugerem o uso de diversos gêneros de textos incluindo os ‘quadrinhos’, pois reconhecem seu valor pedagógico e propõem seu uso como ferramenta de ensino na sala de aula.

As histórias em quadrinhos são narrativas realizadas por meio de uma sequência de quadros que expressam uma história, informação, ação, etc. Os quadrinhos, sendo os mais populares os gibis, é uma forma de arte que reúne texto e imagem para narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos e apresentam-se geralmente em formato de revistas, livros, tiras ou tirinhas publicadas em revistas e jornais. (MULTIMÍDIA.HQ,2010)

Vergueiro (2005, p. 193) esclarece que os quadrinhos, se utilizam de dois códigos distintos de transmissão de mensagens, o linguístico e o pictórico. O linguístico é aquele “presente nas palavras utilizadas nos elementos narrativos, na expressão dos diversos personagens e na representação dos diversos sons”. Já o pictórico é “constituído pela representação de pessoas, objetos, meio ambiente, ideias abstratas e/ou esotéricas, etc.” e complementa que além desses dois códigos também possuem elementos característicos de sua linguagem: diversas formas de balão, as onomatopeias, as parábolas visuais, etc., “todos eles concorrendo para expressar uma narrativa, por mais breve que esta seja”.

Carvalho(2012) destaca oito motivos para incentivar a leitura dos quadrinhos: primeiro contribuem na pré-alfabetização, pois, a sequência de imagens dos quadrinhos permite que a criança compreenda o sentido da história antes mesmo de aprender a ler. Ao fazer isso, ela organiza o pensamento, exercita a capacidade de observação e interpretação e desenvolve a criatividade. Na fase de pré-alfabetização, o contato com os gibis também ajuda a criança a se familiarizar com as letras.

Ajudam no processo de alfabetização por meio da ordem lógica dos quadrinhos que servem de apoio para que a criança decifre o que está escrito e supere a dificuldade de fluência, típica de quem acabou de se alfabetizar. Outro fator positivo é que a letra maiúscula usada nos balões facilita a leitura. Para quem está aprendendo a

ler, letras minúsculas podem ser mais difíceis de decodificar, principalmente aquelas que têm traçados semelhantes, como q, p, d e b.

Por ser culturalmente compreendida como uma atividade lúdica, despertam facilmente o interesse das crianças, que naturalmente se identificam com a linguagem dos quadrinhos e, muitas vezes, estabelecem uma relação afetiva com seus personagens.

Os textos rápidos associados com imagens, os elementos gráficos e a identificação com os personagens são alguns dos elementos que tornam a leitura agradável. Isso estimula o hábito da leitura e pode encorajar os alunos a ler textos cada vez mais complexos. Alguns pesquisadores defendem que os leitores de quadrinhos também acabam se interessando por outros gêneros de texto.

A leitura de histórias em quadrinhos é um processo bastante complexo. É preciso decodificar textos, imagens, balões, onomatopéias e, muitas vezes, recursos de metalinguagem. Além disso, induz a uma habilidade chamada inferência, que é a capacidade de concluir coisas que não estão escritas. Nas HQs, por exemplo, o leitor deduz a ação que é omitida entre um quadrinho e outro. Tudo isso demanda um trabalho intelectual e, portanto exercitam diferentes habilidades cognitivas

Unem cultura e entretenimento ao abordar contextos históricos, sociais ou políticos e ainda assim manter sua característica de entretenimento. como exemplo citamos: as aventuras de Asterix trazem referências sobre história antiga, as histórias de Tintim relata indicações geográficas e as tirinhas da questionadora Mafalda fazem crítica a questões político-sociais da Argentina, entre outros.

Os títulos mais populares podem facilmente ser adquiridos nas bancas de jornal por um preço bem acessível. Podem ser encontrados em bibliotecas e gibitecas e também são Outra opção são trocados, prática incentivada pelas escolas e prefeituras.

Outra razão para adotá-los e que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) destacam a importância da criança interagir com diferentes tipos de texto. Além disso, a relação entre texto e imagem está cada vez presente em diferentes gêneros e é preciso ensinar como ler a imagem também.

Portanto, as histórias em quadrinhos podem se constituir em um importante instrumento para o desenvolvimento da leitura, mas é preciso saber utilizá-las, é necessário planejar as atividades a serem desenvolvidas, realizar uma triagem do material, considerando-se a faixa etária e a adequação dos objetivos estipulados, bem como a observação da linguagem dos quadrinhos.

Para Vergueiro e Ramos (2009), a utilização dos quadrinhos na educação ainda necessita de reflexões que subsidiem práticas adequadas e levem a resultados concretos em relação ao aprendizado.

A proposta de unir o gênero ‘quadrinhos’, levando-se em consideração suas especificidades, às estratégias de leitura, abordadas por Isabel Solé (1998), são uma tentativa de potencializar o desenvolvimento do hábito de leitura.

## **RESULTADOS, DISCUSSÃO E ANÁLISES.**

A intenção da investigação foi de verificar se as concepções teóricas metodológicas sugeridas por Solé (1998) eram possíveis de serem realizadas. Por isso seguimos os seis passos importantes para ajudar à compreensão dos alunos, que devem ser considerados antes da leitura propriamente dita, as atividades que devem realizar durante a leitura e as que devem ser realizadas após a leitura propriamente dita.

O início do trabalho com a leitura exige do professor clareza da concepção que possui. O estagiário deve encontrar o gosto pela leitura para, então ensinar a ler, porque ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas, é um instrumento de aprendizagem, informação e deleite a leitura não deve ser considerada uma atividade competitiva, ler é uma atividade complexa, mas as crianças, quando bem mediadas conseguem compreender e compartilhar suas experiências de leitura,

A motivação dos alunos foi outra preocupação, pois toda atividade deve ter como ponto de partida a motivação das crianças: devem ser significativas, motivadoras, e a criança deve se sentir capaz de fazê-la.

A cada aula buscou-se juntamente com os alunos os objetivos, ou propósitos, com relação a um texto, de acordo com as situações e momentos. Iam para: obter uma informação precisa; seguir instruções; obter uma informação de caráter geral; aprender; revisar um escrito próprio; por prazer; comunicar um texto a um auditório; praticar a leitura em voz alta e verificar o que se compreendeu.

Associar o momento da leitura com os conhecimentos que possuíam sobre o assunto. Mas algumas coisas podem ser feitas para ajudar as crianças a utilizar o conhecimento prévio que têm sobre o assunto, como dar alguma explicação geral sobre o que será lido; ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto, que podem ativar seu conhecimento prévio ou apresentar um tema que não conheciam.

É importante ajudar as crianças a utilizar simultaneamente diversos indicadores: como títulos, ilustrações, o que se pode conhecer sobre o autor, cenário, personagem, ilustrações, etc. para a compreensão do texto como um todo.

Ainda, antes da leitura o professor pode apresentar, ou elaborar junto com os alunos, perguntas sobre o texto, isso ajuda na compreensão de narrações ensinando as crianças a centrar sua atenção nas questões fundamentais do texto a se lido.

As atividades realizadas durante a leitura devem proporcionar uma intensa interação com o texto lido e entre os colegas, Ao professor cabe mediar esse processo, por meio da linguagem, momento em que cada um apresentam suas impressões que irão confirmar, rejeitar ou retificar as antecipações ou expectativas criadas antes da leitura; localizar ou construir o tema ou da ideia principal; buscar esclarecimentos de palavras desconhecidas a partir da inferência ou consulta ao dicionário; formular conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças, valores; formular hipóteses a respeito da sequência do enredo; identificação das palavras-chave; buscar de informações complementares; construir um sentido global para o texto; identificação pistas que mostram a posição do autor; Relacionar novas informações ao conhecimento prévio e identificar referências a outros textos.

Após ler e analisar o texto o professor pode sugerir como forma de síntese, fixação e verificação do que foi assimilado, algumas atividades tais como: elaborar um resumo do texto; utilizar o registro escrito para melhor compreensão; trocar de impressões a respeito do texto lido; relacionar informações para tirar conclusões; avaliar as informações ou opiniões emitidas no texto e realizar uma avaliação crítica do texto.

A autora evidencia que não é possível estabelecer limites claros entre o que acontece antes, durante ou depois da leitura, tais estratégias não podem ser assimiladas como uma sequência de passos a serem rigidamente seguidos, mas são procedimentos flexíveis. Se estratégias de leitura são procedimentos, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos não como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas, mas como estratégias de compreensão leitora que envolve a presença de objetivos, planejamento das ações, e sua avaliação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse estudo acerca das experiências vivenciadas no Estágio Curricular Supervisionado voltado para as suas contribuições e dificuldades se tornou necessário para se perceber o estágio dentro da instituição de ensino superior e sua relevância na formação dos futuros professores, fazendo-se com que a instituição formadora, em uma situação real de aprendizagem colaborativa, perceba os apontamentos dos discentes em validade de alguns conceitos práticos ou teóricos que necessitam ser mudados ou não. Identificando-se assim a visão das alunas sobre esse momento prático vivenciado dentro da instituição e do campo de estágio.

O estágio, como componente de formação do futuro professor, constitui-se em um momento de síntese e elemento articulador da teoria e prática. Além de que por meio interação com seus pares, com os professores e demais funcionários, e com a escola campo o estagiário percebe-se como sujeito integrante do mundo que a cerca e nas trocas realizadas com esses parceiros, constrói sua identidade.

A observação e o diagnóstico inicial exigiu uma releitura das concepções teóricas abordadas ao longo do curso e, também, um levantamento bibliográfico acerca do das estratégias de leitura e sobre as histórias em quadrinhos. Ficou evidente que o estágio vai muito além da relação teoria e prática ou da identificação de um momento prático durante o curso.

No momento do estágio, o acadêmico passa por diversas experiências e situações referentes ao seu fazer profissional mas, por mais que receba uma formação de qualidade é no contato com o futuro campo de atuação profissional, percebe-se que cada situação exige que ative um cabedal de conhecimentos, ou busque pela pesquisa atualizar-se para encontrar respostas às indagações que porventura surjam. Portanto, sua atuação profissional exigirá uma formação continuada constante com o objetivo de capacitá-lo profissionalmente, construir e tomar consciência da identidade profissional.

As reflexões sobre o que é vivenciado possibilitam construir concepções, valores e solidificar uma prática interferindo na construção da identidade com reflexos na prática pedagógica, na aprendizagem dos alunos e no contexto social em que atua.

Dessa forma, o estágio deve ser realizado com seriedade, tornando-se assim um período no qual o aluno adquira conhecimentos tanto práticos, quanto teóricos, refletindo e associando-os. E como exemplo da aplicabilidade das concepções teórico metodológicas de Isabel Solé há a possibilidade de fazer o mesmo com outras concepções, mas de forma reflexiva e não apenas como mero aplicador ou repetidor de uma técnica.

As estratégias, propostas por Isabel Solé e, utilizadas em sala de aula revelaram a aquisição de conhecimento da linguagem dos quadrinhos, o aprendizado da leitura de imagens, o desenvolvimento de estratégias de compreensão leitora e uma melhoria na aprendizagem de leitura, ao incentivar os alunos para a leitura, mais do que apresentar um portador de texto atrativo foi necessário realizar a análise adequada deste texto, um movimento que vai do todo para as partes remontando o todo novamente. Para que isso ocorresse exigiu revisitação de teorias estudadas, buscar novos aportes teóricos que explicasse os problemas práticos, trocar informações e conhecimentos com os colegas e realizar escuta ativa dos alunos.

## **REFERÊNCIAS**

BERNARDES, Maria Eliza Mattozinho. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica**: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino e aprendizagem. 1 ed. Curitiba: CRV, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica – Vol. 1 e Vol.2 Brasília, 2006b.

BROERING, Adriana de Sousa. Quando a Creche e a Universidade se encontram: Histórias de Estágios. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda, (org). **Educação Infantil: Saberes, e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP, Papyrus, 2008.

COTRIM, Vera. **Trabalho Produtivo em Karl Marx**: Velhas e novas questões. São Paulo: Alameda, 2012.

DUARTE, Newton. **A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo**. 3 ed. rev. Campinas: Autores associados, 2013.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa**: Investigação, Formação e Produção de Conhecimento. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

MOTTA, Flávia Miller N. **De crianças a alunos**: a transição da Educação Infantil para o Ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2013.

OLIVEIRA, R. Zilma. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**; 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Z. R. de (Org). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e Encantamentos na Educação infantil: Partilhando Experiências de Estágios**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_, Luciana Esmeralda. **O Estágio Curricular no Processo de Tornar-se Professor. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda, (org). Educação Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de Professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estagio na formação de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma G. e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência: Diferentes Concepções**. In: Poiésis Pedagógica– Revista do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás RegionalCatalão, vol.3, número 3 e 4,2005\2006.

RIBEIRO, Solange Lucas. **Espaço Escolar: um elemento (in) visível no currículo**. Feira de Santana, Artmed, 2004.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade pré-escolar; L.S; LÚRIA, A.R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5 ed. São Paulo. Ícone, 2001